

espaço aberto

revista alternativa

DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA

Escola da Ponte
repensar a escola

**A fascinante juventude
de hoje**

ENTREVISTAS

ANNICK BROFMAN

A cura começa
na consciência

A VOZ DO SILÊNCIO

Tratar com
responsabilidade social



7 | distribuição gratuita - jan. fev. 2012



Não há nada que não possa fazer, apenas coisas que ainda não aprendeu a fazer

CORPO ESPELHO: A CURA COMEÇA NA CONSCIÊNCIA

O Sistema do *Corpo Espelho* é um método de auto conhecimento e cura, que foi desenvolvido nos anos oitenta por Martin Brofman, na sua experiência de autocura de uma doença em estado terminal.



Annik Brofman
www.healer.ch

fernanda_leiras@hotmail.com
(Curadora e Organizadora dos Seminários)

É uma síntese da psicologia ocidental e das filosofias orientais, que permite explorar a relação existente entre o nosso corpo, a nossa consciência e a nossa vida. Baseia-se no reequilíbrio dos centros de energia do nosso corpo, a que os hindus chamam *chacras*. Cada um deles é associado a diferentes áreas da nossa vida e da nossa consciência, permitindo ler o corpo como um mapa da consciência interior – o corpo como espelho da nossa consciência.

Todo o sintoma é visto como energia bloqueada e a cura é o seu desbloqueio. Assume-se, assim, que os nossos problemas de vida, físicos ou não, são vistos como sintomas de desvio do equilíbrio natural de plenitude e bem estar, resultantes de tensões da nossa vida.

Neste método de cura, promove-se o reequilíbrio bioenergético do corpo da pessoa, actuando ao nível dos chacras, e, ao fazê-lo, colhem-se informações relevantes sobre os aspetos da consciência associados ao tema a ser tratado.

Annick Brofman, esposa de Martin Brofman e instrutora deste método, esteve, em novembro, na Escola de Yoga da Foz, no Porto, onde realizou um seminário, durante um fim de semana. Antes, porém, Annick Brofman recebeu a revista ESPAÇO ABERTO, para uma conversa sobre este método de cura.

“Eu diria que, em geral, em qualquer parte do mundo, as pessoas são muito abertas à cura, já que é uma tradição. Há curadores em todo lado, em todas sociedades.”

Espaço Aberto (EA) - O que é o sistema *Corpo Espelho*?

Annik Brofman (AB) - É o estudo do estado de consciência de cada sintoma. É trabalhar com a ideia de que tudo começa na consciência. O que quer que seja que não esteja a funcionar no teu corpo ou na tua vida, precisa de mudar internamente. Então, quantificamos a consciência e os sintomas, para ser-nos possível ler o corpo como o mapa da consciência. Há, portanto, uma maneira de ser que está associada a cada sintoma. Quando a cura acontece, consideramos que a pessoa regressou ao seu estado natural, que é estar saudável e equilibrada. O propósito da cura é perceber as causas, para que não volte à antiga maneira de ser, que cria os sintomas, e aos quais não quer regressar. O propósito é também desmistificar a cura. É a diferença com o *Reiki*. A energia é a mesma e o método também é muito gentil, mas trabalha com símbolos, mestres... e não gostamos dessa parte. Para nós, todos têm o mesmo equipamento. Não há mestres, não há ninguém melhor do que ninguém ou abaixo de alguém.

EA - Concorde que os terapeutas não devem estar à margem da sociedade?

AB - Esse é exatamente o lema Martin Brofman, o criador do sistema: favorecer a cura a toda a gente. Estou a ensinar este método a crianças e, o que as crianças podem fazer, qualquer um pode fazer. Qualquer pessoa pode proporcionar a cura. Temos tido, aliás, todo o tipo de pessoas a assistirem às nossas sessões. Algumas vêm porque

querem trabalhar com energia, outras porque têm sintomas, outras por motivação...

EA - Como sentiu o chamamento para esta técnica de trabalho?

AB - Estava à procura de respostas, como toda a gente. Porque é que estou no planeta, uma direção... Fui a um seminário, onde ensinavam como sentir, direcionar e curar com energia, e tudo era tão simples...

EA - Que transformações sente que esta energia pode realizar nas pessoas?

AB - Trabalhamos com a ideia de que tudo pode ser curado. Tudo, mesmo. Há pessoas que procuram este método para a auto cura, outras para curar outros. O propósito é curar. É muito prático: têm um sintoma e querem livrar-se dele. Outras usam-na com um propósito mais espiritual, para o conhecimento interior.

EA - Como acha que a sociedade aceita este método de trabalho?

AB - Depende do país onde se encontra. Eu diria que, em geral, em qualquer parte do mundo, as pessoas são muito abertas à cura, já que é uma tradição. Há curadores em todo lado, em todas sociedades. Mas não é importante o que os outros pensam. Onde eu vivo, na Dinamarca, as pessoas são abertas a outras ideias e, mesmo que não acreditem no que estou a fazer, não se importam. Relacionam-se com a pessoa, e não com aquilo que elas fazem. Depende da forma como nos apresentamos. Por exemplo, nós gostamos de trabalhar com a classe

médica, não contra. Não dizemos às pessoas que não tomem os seus medicamentos. Não somos médicos. É muito importante ter este respeito. Muitos terapeutas criticam a classe médica e, então, a classe médica critica-os.

EA - É importante complementar a terapia não convencional ao diagnóstico médico?

AB - Sim, como em Inglaterra, onde os terapeutas são convidados a ir aos hospitais.

EA - Em Portugal, ainda não sentimos essa facilidade.

AB - Tens que olhar para a tua própria atitude, em relação à classe médica. Se disseses que sabes tudo e que os médicos não sabem nada, eles não têm vontade de te convidar. Mas, se disseses que trabalhas de um outro ponto de vista e que talvez possas ajudar, então, a classe médica pode abrir-se à alternativa. Conhecemos imensos médicos, enfermeiros e outras pessoas ligadas à medicina que utilizam o nosso método.

“Existindo legislação, os terapeutas não podem fazer o papel de médicos, fazendo diagnósticos.”

EA - Em Portugal não existe legislação para as terapias não convencionais.

AB - Existindo legislação, os terapeutas não podem fazer o papel de médicos, fazendo diagnósticos. Temos que olhar esta situação como duas bolhas: a do mundo dos médicos e o dos que trabalham com a energia, e que é possível trabalharem juntos.

Trabalhamos com a ideia de que tudo começa na consciência. Alguns médicos, e não só, acreditam que essa perspetiva é muito saudável. Outras pessoas estão abertas a esta ideia espiritual porque é a *verdade*, porque é interna. Falo assim do nosso método, como do *Reiki* ou qualquer outro. Falamos a mesma língua, partindo do princípio de que tudo começa na consciência. No entanto, com algumas pessoas, é como se existisse uma grande barreira nas

suas crenças e, para a ultrapassar, precisam de motivação. Mas não é obrigatório; há lugar para todos no planeta. Outras não saem da sua própria bolha e, não ultrapassando a barreira, ficam doentes, não encontram soluções, nem no mundo médico.

EA - Seria agradável que os terapeutas, cada um com a sua técnica, irem mais além, ao nível hospitalar; que pudessem ter um espaço próprio e ser respeitados, com a convicção de que podiam ajudar a melhorar as pessoas. No entanto, encontram a resistência dos médicos, que trabalham com o visível, e não aceitam que se possa trabalhar com o invisível, com o ser.

AB - Se vais a um hospital oferecer-te para ajudar, talvez não estejam recetivos a aceitá-lo.

“No entanto, com algumas pessoas, é como se existisse uma grande barreira nas suas crenças e, para a ultrapassar, precisam de motivação. Mas não é obrigatório; há lugar para todos no planeta.”



MANDALA
TERAPIAS COMPLEMENTARES

✿

Massagem Ayurvédica . Aromaterapia
Indian Head Massage . Calatonia
Bamboo Massage . Reiki
Biopuntura Homeopática

✿

www.mandala.com.pt
910 374 137 . info@mandala.com.pt
Paço da Boa Nova . Leça da Palmeira

- ENTREVISTA -

Mas, talvez conheças um médico que esteja receptivo a esse tipo de cura, e que te convide. Temos que dar um passo de cada vez. Poderias, inicialmente, voluntariar-te, como uma forma de promover os teus serviços. Não gostamos de trabalhar e não ser pagos por isso. Mas, ao mesmo tempo, com o voluntariado podemos ter uma forma de apresentar os nossos serviços. Se não gostares da experiência, por exemplo, por alguns dias, com alguns pacientes, paras. Tens é que encontrar alguém que esteja pronto para o aceitar e colaborar.

EA - Temos que encontrar meios para chegar ao maior número de pessoas, para que saibam que há alternativa, e que está dentro delas próprias.

AB - Não forçamos o nosso método. Leste *O Alquimista*, de Paulo Coelho? No livro, ele conta a estória de um homem que tem uma loja, onde não vende nada. Um dia, um rapazinho estava na montra a brincar com os brinquedos da loja e, a partir daquele momento, toda a gente os quis comprar. Este método é como este miúdo a brincar: é seguro e agradável. As pessoas vêm, e querem fazer igual. Não dizemos: Vem! O que fazemos é bom! Não. Nós fazemo-lo e as pessoas comentam-no, umas com as outras. Desta maneira, não forças. Deixas que venham ter contigo, porque se interessam pelo que fazes.

EA - Esta revista quer também chegar às escolas, aos mais jovens, que têm vindo a procurar esta informação, já que não a têm em casa.

AB - Com os jovens, há que considerar o seguinte: querem criar harmonia e comunicação entre eles e os pais. Então, se os miúdos se abrem a um mundo a que os pais não estão, de maneira nenhuma, abertos, criamos separação, em vez de ligação. Quando os jovens vêm às nossas aulas, os pais conhecem o

método. Desta forma, partilham-no. Alguns são mais comuns e mais bons aceites, como a meditação, o relaxamento, o yoga. Na escola, pode trabalhar-se por aí, por exemplo, propondo uma hora de meditação por semana; aulas de yoga; organizando palestras sobre os métodos que existem.

EA - E o *Corpo Espelho*, nas escolas?

AB - Mais uma vez, os pais têm que estar abertos. Os jovens que vêm às nossas aulas, ensinam outros jovens e estão a curar as suas vidas. São muito bons curadores, porque pensam muito menos. O meu filho, com dez anos, facilita a cura aos seus amigos da escola.

“Os jovens que vêm às nossas aulas, ensinam outros jovens e estão a curar as suas vidas. São muito bons curadores, porque pensam muito menos.”

EA - Pode descrever-nos um trabalho de cura, por exemplo, do cancro?

AB - O tipo de personalidade das pessoas com cancro tem a ver com alguma coisa que não é expresso e que está reprimido. Mostra-se no corpo e na parte da consciência que lhe está associada. Por exemplo, o cancro mama está associado ao chacra do coração, que está relacionado com as perceções do amor. Quando o sintoma se manifesta num dos órgãos controlados por este chacra, tem a ver com a separação de alguém ou a perceção da falta de amor. Tem que se conhecer quando o sintoma começou, quem era a pessoa que estava próxima do seu coração, de que se sentiu separada, e que a fez sentir mal com isso. No caso do lado direito, está relacionado com a vontade, com o lado masculino. Revela a maneira como tem vindo a falar consigo mesmo, a reprimir-se, a criar (*heartness*) Ressentimento, o que não é natural. E é isso que tem

que desaparecer. Então, no cancro, procuramos um sintoma, que, se permitirmos que persista, o resultado final será a morte. Para além disso, a pessoa com cancro está numa situação na qual sente que não quer continuar e que, a continuar assim, prefere morrer. Deste modo, não só tem que curar o sintoma, mas também encontrar uma solução para enfrentar a vida, senão, enfrenta a morte. No caso do peito, um dos resultados pode ser ter que o remover, o que pressupõe provocar um corte com a feminilidade, no caso da mulher. Então, a par da cura, tens que fazer uma mudança interior, e voltar ao equilíbrio.

EA - E noutro tipo de doenças, por exemplo, da paralisia?

AB - O sintoma é sempre descrito do ponto de vista de que começa da consciência. Com a paralisia, por exemplo, nas pernas. O facto de a pessoa não poder andar, do ponto de vista da consciência, está a paralisar-se, a impedir-se de sair de uma situação onde se sente infeliz. Fiz, uma vez, uma cura a um homem que estava paralisado. Ele contou que, quando a paralisia aconteceu, estava a ponderar voltar para o seu país, que adorava, mas impediu-se de o fazer e naquela circunstância, também não o poderia fazer. A pessoa que experiencia o sintoma, fala com ele e faz a ligação entre a emoção e o que está a acontecer no momento, sabendo que pode fazer alguma coisa, que pode encontrar uma solução, que já não é uma vítima.

“A pessoa que experiencia o sintoma, fala com ele e faz a ligação entre a emoção e o que está a acontecer no momento, sabendo que pode fazer alguma coisa, que pode encontrar uma solução, que já não é uma vítima.”

EA - Quem pode ensinar a fazer esta terapia?

AB - É o que vamos fazer durante o fim de semana. Não se trata de auto cura, mas de nos curarmos uns aos outros. Vou dar ferramentas e, juntos, vamos trocar curas, uns com os outros. Cada cura é diferente, logo, as ferramentas são diferentes. No final do fim de semana, para algumas pessoas é como uma revelação. Elas, simplesmente, recebem-na. Começam logo a curar e a ter pessoas à porta para a receber. Outras, não se forçam e demoram mais tempo a ganhar confiança. Outras, ainda, sabem que o podem fazer, mas não o sentem como a sua onda.

EA - Esta técnica pode associar-se a outras terapias, como o *Reiki*? Pode ser trabalhado em paralelo?

AB - Este método não contradiz outros. Os *reikianos* gostam deste método porque lhes dá informação sobre o interior da consciência, sobre as causas dos sintomas. Quando Martin Brofman criou este método, fê-lo para o disponibilizar para toda a gente. Se acredita em Deus, ou não; se é muçulmano, judeu... não importa. Estivemos a ensinar o método no Kuwait e adoraram-no. Disseram-nos que passaram a entender melhor o Corão. Antes, aceitavam-no sem entender, porque tinham que o aceitar, simplesmente, como acontece com os católicos. Aceitaram bem este método porque consideraram que contribuía para a elevação da alma e para compreender uma parte da sua consciência.

EA - Pode deixar uma mensagem pessoal para os nossos leitores?

AB - O amor. Aceitem-no. Amem o mais que puderem. O amor cura e tudo pode ser curado. Todos somos curadores.

EA - E como terapeuta?

AB - Que o amor é sempre a chave. Enquanto terapeuta, pessoalmente, a chave que mais uso para a cura, através do meu chakra do coração, é a compaixão.

EA - Com esta terapia, podemos fazer auto cura?

AB - Sim, e aos outros.

EA - E à distância?

AB - Não é o corpo que se cura, é a consciência. A consciência pode estar no corpo perto de ti, ou pode estar perto de ti e o corpo noutra lugar. Recordo uma situação em que os meus pais e o meu irmão estavam zangados e eu achei que, se colocasse os três no meu coração, estariam no mesmo espaço. Quando o fiz, senti o efeito no exterior. O meu irmão telefonou e jantámos juntos. Pensei, então, que se funcionara com a minha família, funcionaria com a humanidade. Se eu colocasse a humanidade no meu coração, ajudaria à paz no mundo. Mas, quando pensamos em colocar toda a gente, levantamos, de imediato, questões: e este? E aquele? Ups! No entanto, se estou seriamente empenhada, tenho que arranjar uma forma de colocar toda a gente. E a palavra chave é a compaixão. Não estou a dizer que

é fácil. Para alguns é com amor, outros com compaixão, com perdão; com outros não sei, mas tenho que descobrir uma forma.

Numa meditação, em que nunca senti um tão grande estado de graça - não há palavras para descrever a sensação -, foi interessante sentir que, na manhã seguinte, das pessoas que tinha colocado no meu coração e com quem tinha resistências, metade delas estava ainda lá dentro. Mas eram muito menos. Será, portanto, um bom exercício, para atingirmos a paz no mundo. Por vezes, uso o meu irmão como exemplo, com quem não tenho muito em comum, e que, por mais aspetos que ele tenha que eu não gosto, eu amo-o, incondicionalmente.

“O amor. Aceitem-no. Amem o mais que puderem. O amor cura e tudo pode ser curado. Todos somos curadores.”

E a palavra chave é a compaixão. Não estou a dizer que é fácil. Para alguns é com amor, outros com compaixão, com perdão; com outros não sei, mas tenho que descobrir uma forma.”